

Perspectivas para uma nova Escola

O DESAFIO DA SOCIEDADE DIGITAL GLOBAL

*

Herdeiros de um sistema de ensino que apostou em capacitar os jovens para servirem um mercado de trabalho de ampla oferta, iniciámos, após a normalização da democracia representativa, um ciclo de frenéticas reformas e contra-reformas educativas que tentavam responder à democratização do ensino – educação igual para todos.

Nestes últimos 30 anos assistimos a uma progressiva flexibilização das exigências curriculares com o fim de, por um lado, evitar o abandono escolar e, por outro, aproximarmo-nos da taxa média de “sucesso escolar” da União Europeia.

A este processo de progressiva simplificação da exigência de conhecimento foi completamente alheio a transformação cultural, ética e dos quadros mentais, operada pelos meios audiovisuais e, mais tarde, pela comunicação digital.

O mundo digital global, de constante partilha e interactividade, obriga a uma redefinição estrutural da educação – a sua missão, objectivos, formação de professores, reformulação de planos curriculares e ferramentas de ensino e habitats de aprendizagem.

Sem esquecer a essência da escola – ensinar – o que está hoje em causa, em especial nos primeiros anos de escolaridade, diria até aos 16 anos, é dotar as crianças e adolescentes de uma vivência multidisciplinar integrada o mais abrangente possível, onde o habitat digital seja natural, permitindo-lhes adquirir uma consciência crítica que propicie a construção de identidades, com fundamentos éticos e morais, capazes de participar e interagir criativamente na construção deste novo mundo – a passividade na sociedade digital conduz, inevitavelmente, a fracturas na coesão social.

Neste contexto, as soluções não poderão continuar a ser um exclusivo do Ministério da Educação! A questão é educativa, é certo, mas antes do mais, é cultural, de gestão cultural, mais precisamente (política cultural se se preferir), onde a interdisciplinaridade será obrigatória, envolvendo, profissionais de educação, sim, mas sociólogos, antropólogos, psicólogos, artistas, especialistas de audiovisual e media digital e, necessariamente, de gestores capazes de traçar objectivos precisos e objectivamente quantificáveis e avaliáveis.

A proposta que coloco não pretende ser um projecto final, mas uma série de interrogações e miragens que gostaria que fossem motivo de reflexão, nomeadamente: *a necessidade da integração do ensino artístico no ensino regular; a articulação e interacção dos meios audiovisuais com a escola (rever, claro, o conceito de Serviço Público de Audiovisual) e como deverá o Estado reorganizar-se para responder a estas questões que, no seu âmago, está para mim claro, são do foro de uma política governativa de gestão cultural transversal assumida.*

Carlos Araújo Alves

Maior 2006